



SEÇÃO RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Intervenção fonoaudiológica na deficiência visual congênita: um relato de experiência

Speech-language pathology intervention in congenital visual impairment: an experience report

Juliana de Sá Machado Guilam¹
Luiz Augusto de Paula Souza²

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência detalhado sobre uma intervenção fonoaudiológica realizada ao longo de um ano com Teodoro, uma criança cega congênita. O objetivo central do estudo foi descrever e analisar as características do desenvolvimento da linguagem observadas durante esse período, destacando os avanços e desafios enfrentados ao longo do processo. A intervenção foi planejada de forma individualizada, levando em consideração as necessidades específicas da criança, suas potencialidades e seu contexto familiar. Durante o acompanhamento, foram utilizados recursos e estratégias adaptadas, como estímulos sensoriais, atividades de exploração tátil e auditiva, além de orientações para os cuidadores, visando promover a interação e o desenvolvimento linguístico de forma integrada. Os resultados obtidos evidenciam que, apesar das limitações estruturais presentes na linguagem oral, a comunicação de Teodoro apresentou avanços significativos na organização simbólica. Esse progresso foi particularmente evidenciado durante situações de jogo simbólico mediado, nas quais se observou o uso funcional e intencional da linguagem. Verificou-se, ainda, um aumento progressivo na iniciativa comunicativa, na compreensão dos turnos conversacionais e na utilização articulada de recursos verbais e não verbais para a consecução de objetivos comunicativos. Isso valida a relevância da atuação fonoaudiológica no favorecimento da aquisição e desenvolvimento da linguagem, demonstrando que, mesmo em contextos atípicos, a intervenção especializada pode promover avanços significativos. Além disso, o estudo reforça a importância de uma intervenção contínua e multidisciplinar que considere as particularidades de cada caso, promovendo uma intervenção mais efetiva e humanizada. Os resultados também sugerem que estratégias sensoriais e o uso de recursos táteis e auditivos podem ser altamente eficazes no desenvolvimento linguístico de crianças com deficiência visual congênita, contribuindo para ampliar as possibilidades de comunicação e autonomia.

Palavras-chave: Deficiência Visual Congênita. Desenvolvimento de Linguagem. Intervenção.

ABSTRACT

This article presents a detailed experience report on a year-long speech-language pathology intervention with Teodoro, a congenitally blind child. The main objective of the study was to describe and analyze the characteristics

¹ Mestre em Fonoaudiologia pela Universidade Veiga de Almeida
Fonoaudióloga do Instituto Benjamin Constant
E-mail: julianasa@ibc.gov.br

² Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP
Professor titular da PUC-SP
E-mail: luizad@uol.com.br



of language development observed during this period, highlighting the progress and challenges faced throughout the process. The intervention was individually planned, taking into account the child's specific needs, strengths, and family context. During the follow-up, adapted resources and strategies were used, such as sensory stimulation, tactile and auditory exploration activities, as well as guidance for caregivers, aiming to promote interaction and integrated language development. The results obtained demonstrate that, despite the structural limitations of oral language, Teodoro's communication showed significant advances in symbolic organization. This progress was particularly evident during mediated symbolic play situations, in which functional and intentional language use was observed. A progressive increase in communicative initiative, understanding of conversational turns, and the coordinated use of verbal and nonverbal resources to achieve communicative objectives was also observed, validating the relevance of speech-language pathology in promoting language acquisition and development. This demonstrates that, even in atypical contexts, specialized intervention can promote significant progress. Furthermore, the study reinforces the importance of continuous and multidisciplinary intervention that considers the particularities of each case, promoting a more effective and humanized intervention. The results also suggest that sensory strategies and the use of tactile and auditory resources can be highly effective in the linguistic development of children with congenital visual impairment, contributing to expanding communication and autonomy.

Keywords: Congenital Visual Impairment. Language Development. Intervention.

Introdução

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (WHO, 2025), a cegueira é definida como uma condição caracterizada por acuidade visual inferior a 3/60 (0,05) no melhor olho, mesmo após a melhor correção óptica possível, ou um campo visual inferior a 10 graus em torno do ponto de fixação. Essa definição distingue a cegueira da baixa visão, que corresponde à acuidade visual inferior a 6/18 (0,3), mas igual ou superior a 3/60 (0,05) no melhor olho com correção.

Considerando essas características, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem de crianças cegas congênitas seguem uma trajetória permeada por complexidades e especificidades, sobretudo quando examinada em uma sociedade predominantemente vidente. Essa perspectiva evidencia os desafios particulares relacionados à aquisição da linguagem e à formação de conceitos tendo em vista a ausência da visão — um dos sentidos mais relevantes na mediação da experiência e na construção do conhecimento sobre o mundo.

Santos (2020) descreve que a compreensão de estímulos visualmente percebidos por pessoas com deficiência visual depende, em grande medida, da descrição fornecida por terceiros, que é inherentemente subjetiva e reflete a perspectiva de indivíduos videntes, englobando detalhes sobre cores, formas, tamanhos e contextos visuais. A criação de descrições ricas e detalhadas é crucial para que a pessoa com deficiência visual consiga construir uma imagem mental do que está sendo apresentado. Além disso, a comunicação deve ser adaptada e sensível, levando em consideração as experiências e os conhecimentos prévios do receptor, a fim de que a descrição se torne mais significativa e acessível.



Essa necessidade existe porque, dada a predominância das informações visuais na construção do conhecimento sobre o mundo, a visão assume um papel globalizador na forma como os indivíduos percebem, organizam e interagem com o ambiente. Esse sentido, ao integrar múltiplos estímulos de forma simultânea, contribui significativamente para o desenvolvimento global e de linguagem (Connolly; Gleitman; Thompson-Schill, 2007). Nesse contexto, a ausência ou limitação da visão, como ocorre em crianças com cegueira congênita, pode repercutir de forma importante em diversos domínios do desenvolvimento infantil. Ainda que descrições verbais e outros recursos sensoriais, como o tato e a audição, sejam utilizados por cuidadores e educadores como formas alternativas de mediação do mundo, tais estratégias não substituem integralmente a experiência visual. Dessa forma, podem emergir especificidades na forma como essas crianças constroem conceitos, desenvolvem a linguagem, exploram o espaço e se relacionam socialmente, o que exige abordagens específicas que respeitem e valorizem suas formas singulares de percepção e aprendizagem (Recchia, 1997).

A literatura sugere que crianças com Deficiência Visual Congênita (DVC) podem manifestar comportamentos atípicos durante os primeiros anos de vida, como ecolalia, inversão pronominal, limitações na capacidade simbólica e dificuldades nas interações interpessoais (Hobson; Lee; Brown 1999). Investigações adicionais indicam que a dificuldade em atrair a atenção materna e em exercer controle sobre o ambiente pode levar ao isolamento social dessas crianças (Klaus; Klaus, 2001).

Muñoz (1998) corrobora essa linha de investigação, apontando peculiaridades no desenvolvimento e na aquisição da linguagem em crianças cegas. Alguns indicadores de sua pesquisa revelam comportamentos atípicos que podem surgir durante este processo, como o uso excessivo de balbucios, ecolalia como principal forma de comunicação, verbalismo inadequado, uso de enunciados ou vocabulários incompatíveis com a idade cronológica ou de desenvolvimento, desorganização da linguagem expressiva, e a frequência excessiva de perguntas. Não está claro se tais comportamentos são temporários ou se representam indícios iniciais de transtornos do desenvolvimento.

Em consonância com essas características linguísticas, Recchia (1997) afirma que a impossibilidade ou limitação da visão impacta a maneira como uma pessoa percebe o mundo. Considerando que o papel globalizador da visão a linguagem das crianças cegas se desenvolve a partir de experiências sensoriais alternativas, o que pode implicar em atrasos ou desvios em áreas fundamentais como a comunicação e a cognição social, situação que também é observada em outras patologias, como o autismo.

Estudos e práticas clínicas indicam que indivíduos cegos congênitos desenvolvem uma maneira singular de compreender e interagir com o ambiente ao seu redor, utilizando

intensamente os sentidos disponíveis (Streri; Gentaz, 2003). O tato, a audição, o olfato e o paladar tornam-se ferramentas indispensáveis para a construção de experiências e representações mentais. O processo de adaptação sensorial, portanto, desempenha um papel crucial no desenvolvimento de crianças com deficiência visual, na medida em que lhes permite discriminar e localizar sons, identificar objetos por meio de pistas táteis e auditivas, bem como deslocar-se com maior autonomia no ambiente. Por isso, também a mediação cuidadosa por parte de adultos e a oferta de experiências sensoriais diversificadas e significativas são elementos fundamentais para que essas crianças possam explorar o mundo ao seu redor de forma mais ampla e contextualizada (Gori *et al.*, 2014).

Cabe ressaltar que a estimulação dos sentidos remanescentes não constitui uma capacidade exclusiva de indivíduos cegos. Qualquer pessoa pode desenvolver suas habilidades sensoriais mediante estímulo e prática sistemática. No entanto, no caso das pessoas com deficiência visual, esse processo adquire uma relevância ainda maior, uma vez que os sentidos não visuais assumem uma função compensatória essencial para a construção de uma compreensão mais integrada e funcional do ambiente. Assim, a estimulação sensorial direcionada torna-se imprescindível para a promoção do desenvolvimento global e da autonomia desses indivíduos.

A estimulação e a prática adequada dos sentidos sensoriais são essenciais para que todos consigam explorar e refinar suas habilidades, ainda que remanescentes, no caso da deficiência visual. Programas de intervenção focados no desenvolvimento sensorial demonstram benefícios significativos, não apenas para pessoas com deficiência visual, mas para a população em geral, por promoverem uma maior consciência sensorial e habilidades perceptivas que enriquecem a vida cotidiana. Portanto, é fundamental criar oportunidades de aprendizagem e exploração que incentivem o uso e o aprimoramento das capacidades sensoriais, contribuindo para um desenvolvimento mais completo e inclusivo. É necessário também reafirmar a importância da família atuando como mediadora constante das experiências da criança, oferecendo **informações sobre rotina, comportamentos, interesses e necessidades individuais**, permitindo que a intervenção fonoaudiológica seja mais contextualizada e significativa. Além disso, faz-se essencial uma equipe multidisciplinar, com profissionais de outras áreas que possam contribuir com seus saberes para uma intervenção mais eficaz.

A abordagem empregada para a observação e análise dos aspectos da linguagem fundamenta-se na perspectiva **interacionista e dialógica**, conforme proposta por Maria Cláudia Cunha. Essa concepção parte do princípio de que a linguagem se manifesta e se desenvolve por meio das interações entre os sujeitos em contextos sociais específicos, ressaltando o caráter dinâmico e relacional dela, no qual os significados são construídos coletivamente. A perspectiva interacionista e dialógica apresenta implicações relevantes para a



prática pedagógica e terapêutica e enfatiza a importância de ambientes comunicativos ricos e significativos para favorecer o desenvolvimento linguístico. Ademais, ressalta a necessidade de considerar as particularidades de cada indivíduo e de cada contexto, reconhecendo a diversidade nas formas de expressão e nos modos de compreensão da linguagem (Santa Helena; Cunha, 2021).

A seguir, apresentamos a descrição de um relato de experiência com uma criança atendida pelo setor de Fonoaudiologia, do Instituto Benjamin Constant (IBC), no período de maio de 2024 a maio de 2025, com a devida autorização da Divisão de Pós-Graduação e Pesquisa do Instituto.

2 Descrição da experiência

A chegada do aluno Teodoro ao setor de Fonoaudiologia, considerando seu histórico de desenvolvimento e o diagnóstico de retinopatia da prematuridade (Gilbert *et al.*, 2005), apresentou uma oportunidade relevante para a investigação dos aspectos comunicativos em crianças com deficiência visual congênita. Aquela é uma doença vasoproliferativa que acomete a retina de recém-nascidos prematuros, caracterizando-se por uma interrupção no desenvolvimento normal da vascularização retiniana, seguida por crescimento anômalo de vasos sanguíneos, o que pode levar a complicações graves, como hemorragias vítreas, descolamento de retina e, em casos severos, cegueira irreversível.

3 Descrição do caso

Teodoro (nome fictício), com 2 anos e 10 meses, foi encaminhado ao setor de Fonoaudiologia do Instituto Benjamin Constant pela equipe da Educação Precoce. Segundo os profissionais responsáveis por seu acompanhamento educacional, a criança apresentava comportamento comunicativo com algumas lacunas em relação à idade cronológica, como ecolalia, vocabulário restrito, presença de estereotipias constantes e dificuldade na solicitação das suas necessidades, o que o deixava muito desconfortável quando não compreendido. Considerando a ausência de convívio social com outras crianças, foi recomendada sua matrícula em uma instituição escolar. A orientação quanto à inserção na escola regular poderia ser ampliada para contemplar o impacto de estímulos ambientais — como sons, texturas e rotinas estruturadas — e sociais no desenvolvimento da comunicação. Além disso, destaca-se o papel central dos vínculos afetivos e da responsividade dos cuidadores na mediação do mundo externo e na promoção da linguagem.



4 Envolvimento familiar

A participação da mãe, Mariana (nome fictício), na entrevista inicial, mostrou-se de grande relevância, embora sua postura tenha sido inicialmente reservada. A responsável expressou satisfação diante da inclusão do filho no processo terapêutico fonoaudiológico, evidenciando expectativas positivas quanto à possibilidade de uma evolução rápida no desenvolvimento dele. Nesse contexto, a orientação familiar assume um papel fundamental, uma vez que fornece subsídios importantes para a estimulação adequada da criança e para a compreensão de suas necessidades específicas, favorecendo um acompanhamento mais efetivo e alinhado às demandas do seu desenvolvimento.

Quando questionada sobre o impacto da deficiência visual no cotidiano familiar, a mãe limitou-se a afirmar que a família “lidou bem” com a situação. Contudo, sinais não verbais de desconforto, como expressão facial de tristeza, indicaram que o tema ainda é sensível. Conforme descrito por Santos (2020), o processo de enfrentamento do diagnóstico de uma deficiência visual em um filho é profundamente impactante para os pais, que precisam lidar com a desconstrução de expectativas idealizadas e vivenciar um luto simbólico. Nesse sentido, a presença de uma rede de apoio emocional e o acesso a informações claras e recursos adequados são elementos cruciais para o enfrentamento saudável dessa nova realidade.

5 Metodologia do estudo

A coleta de dados foi organizada em três eixos: (1) Entrevista e devolutiva com pais ou responsáveis; (2) Avaliação; (3) Programa de Intervenção.

Considerando a natureza da pesquisa e a tenra faixa etária da criança atendida pelo setor, o responsável, ou cuidador, por acompanhar o desenvolvimento global da criança, foram entrevistados com o objetivo de compreender, de maneira geral, os seguintes aspectos:

1. Identificação, histórico clínico e familiar: investigaram-se o desenvolvimento global da criança, a causa da deficiência visual e/ou comorbidades, o impacto na família, o contexto familiar da criança e os contextos comunicativos e de linguagem que lhe são oportunizados. Além disso, buscou-se o máximo de informações para rastrear comportamentos qualitativos que pudessem interferir no processo de desenvolvimento.
2. Gestação e desenvolvimento da criança: investigaram-se marcos do desenvolvimento global, bem como aspectos relacionados às habilidades comunicativas, ao desenvolvimento motor e de linguagem, aos aspectos alimentares e a outros comportamentos observados em seus diversos contextos sociais.



3. Informações complementares: averiguaram-se informações adicionais às questões levantadas durante a entrevista, que pudessem contribuir de modo relevante ao processo avaliativo. Recomendou-se que familiares próximos, escola e outras pessoas que acompanham a criança também oferecessem informações quanto ao seu desenvolvimento.

6 Avaliação

A rotina de avaliação no setor de Fonoaudiologia foi planejada para observar, em contexto de brincadeira, vários domínios da linguagem e da comunicação das crianças atendidas, com participação dos responsáveis para enriquecer a compreensão do desenvolvimento. A coleta de dados ocorreu em duas ou três sessões, conforme a necessidade de cada criança, buscando um retrato abrangente do desempenho da criança ao longo do tempo. Os responsáveis foram convidados a compor a cena de interação, contribuindo para a observação de indicadores que embassem o parecer clínico.

Os domínios avaliados nas sessões foram:

1. Aquisição e repertório linguístico

- Mapeia-se o conjunto de habilidades linguísticas presentes e emergentes.
- Observam-se diversidade lexical, combinação de palavras, uso de morfologia simples e complexa, e disponibilidade de recursos para expressão de ideias.

2. Aspectos fonéticos, fonológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos

- Analisa-se a produção de fala em suas múltiplas dimensões.
- Observam-se o desenvolvimento da precisão de articulação e fonológico, a variedade semântica, a complexidade sintática e o uso pragmático adequado ao contexto.

3. Linguagem compreensiva

- Verifica-se a compreensão das interações dialógicas em diferentes contextos.
- Observam-se a compreensão de instruções, a inferência de significados e o reconhecimento de relações semânticas básicas e complexas.

4. Trocas de turnos dialógicos (especularidade, complementaridade e reciprocidade)

- Avalia-se a dinâmica das trocas dialógicas.
- Observam-se a alternância de fala, a compreensão de diferentes perspectivas durante a interação, a resposta a interlocutor (complementaridade) e a reciprocidade na comunicação.



5. Iniciativa de atenção compartilhada

- Observam-se a iniciação e a manutenção da atenção compartilhada com outros sócios da interação.
- Avaliam-se a condução da brincadeira compartilhada, o uso de gestos para dirigir a atenção de terceiros, a coordenação entre atenção da criança e do interlocutor.

6. Engajamento social

- Mensura-se a participação social durante atividades conjuntas.
- Observam-se a respondência social, prosódia e entonação apropriadas, o ajuste de comportamento ao par e à situação, a perseverança na interação.

7. Qualidade da brincadeira

- Analisam-se a organização e a riqueza lúdica como ambiente de prática linguagem-uso.
- Observam-se a variedade de brincadeiras (funcionais, simbólicas), a flexibilidade na utilização de objetos, a criatividade, as regras e estrutura da atividade, e a continuidade entre brincadeira e comunicação.

As sessões foram registradas em vídeos e transcritas, gerando relatórios-síntese para análise dos comportamentos linguísticos e suas variações ao longo da pesquisa. Após seis meses de pesquisa e intervenção com as crianças, foi realizada nova avaliação para confrontar os dados observados na avaliação inicial com o desenvolvimento das crianças no período. Além disso, foi realizada também uma devolutiva às famílias e, quando necessário, realizados eventuais ajustes para os últimos seis meses de intervenção com as crianças da pesquisa.

7 Descrição do caso

Durante as sessões de avaliação, observou-se, em Teodoro, um padrão comunicativo caracterizado pelo uso funcional de palavras e presença de ecolalia — tanto imediata quanto tardia —, associada a comportamentos sensório-motores de autorregulação, como a aplicação de pressão sobre os olhos. A criança apresentava agitação psicomotora à chegada ao atendimento, sempre portando um pano, objeto aparentemente utilizado como recurso de autorregulação emocional. O comportamento de pressão ocular, relatado pela mãe como recorrente e preocupante devido ao risco de enoftalmia, foi parcialmente amenizado pelo uso do pano.



A mãe demonstrava ansiedade quanto à possibilidade de ocorrência de comportamentos inadequados durante os atendimentos, relatando episódios frequentes de crises diante de frustrações — caracterizadas por choro, gritos e resistência —, que lhe causavam constrangimento e dificuldade de manejo.

Em relação à linguagem, a mãe relatou que Teodoro é capaz de expressar suas necessidades de forma clara e funcional, embora tenha observado repetições de falas, o que não foi, inicialmente, considerado preocupante. Observou-se que o comportamento exploratório da criança incluía a manipulação repetitiva de objetos da sala (como portas e brinquedos) com função autorregulatória evidente. A previsibilidade das sessões e a antecipação das atividades mostraram-se eficazes para promover segurança, aspecto comumente valorizado em crianças com deficiência visual.

8 Intervenção e evolução

Durante as sessões terapêuticas em Fonoaudiologia, foram propostas atividades lúdicas com foco em experiências multissensoriais, priorizando estímulos táticos, auditivos e cinestésicos, considerando as especificidades do desenvolvimento infantil em contextos de privação visual. Dentre as estratégias utilizadas, destacam-se:

1. Estimulação tátil: A criança teve contato com objetos de diferentes texturas, formatos e pesos, como bolas, brinquedos sensoriais e materiais domésticos adaptados, para favorecer a discriminação de formas e o reconhecimento de objetos por meio do tato. Essa prática também contribuiu para a construção de conceitos espaciais e categóricos.

2. Estimulação auditiva: Foram utilizadas fontes sonoras variadas, como sinos, instrumentos musicais, caixas de som com sons do cotidiano e brinquedos sonoros, permitindo à criança localizar a origem do som, identificar objetos e eventos no ambiente e desenvolver habilidades de atenção e memória auditiva.

3. Estimulação cinestésica e motora: Atividades de deslocamento seguro pelo espaço, como trajetos delimitados com obstáculos táticos ou auditivos, foram realizadas para proporcionar o desenvolvimento da orientação espacial, da noção corporal e da coordenação motora, promovendo autonomia e segurança nos movimentos.

4. Jogos interativos e comunicativos: Praticaram-se brincadeiras que incentivam a troca de turnos, como jogos de perguntas e respostas, adivinhações de objetos ou sons e histórias contadas com suporte de brinquedos táticos; isso favoreceu a prática da linguagem funcional, a interação social e a negociação de significados.



Essas atividades foram estruturadas para que a criança pudesse integrar diferentes modalidades sensoriais, compensando a ausência visual e promovendo o desenvolvimento global, linguístico e social de maneira significativa e contextualizada.

Nessas interações, Teodoro apresentava um quadro de linguagem caracterizado por fragmentação expressiva da linguagem, com predomínio de enunciados curtos e simples, vocabulário restrito a conceitos concretos e dificuldades evidentes nas flexões morfossintáticas, como gênero, número e reversibilidade pronominal. Esse perfil linguístico está alinhado com padrões frequentemente observados em crianças com deficiência visual congênita, cuja aquisição da linguagem ocorre a partir de experiências predominantemente não visuais, o que impacta diretamente a formação de representações simbólicas, a construção de narrativas e a abstração linguística.

Do ponto de vista fonológico, foi possível identificar a ausência do fonema /l/ em todas as posições da palavra — inicial, medial e final — como ilustrado na produção da palavra “cebola”, articulada pelo aluno como “ceboua”. Além disso, observaram-se substituições inconsistentes entre fonemas bilabiais, como /p/, /b/ e /m/; elas ocorrem de maneira aleatória e sem padrão previsível, o que sugere a presença de um transtorno fonológico específico, e não apenas processos fonológicos típicos da faixa etária. Tais achados requerem acompanhamento especializado e intervenções sistemáticas voltadas para o aprimoramento da consciência fonêmica, da articulação precisa e da estabilidade dos traços distintivos dos fonemas (limitações estruturais da linguagem).

Apesar das limitações estruturais na linguagem oral, a comunicação de Teodoro demonstrava sinais de avanço na organização simbólica, especialmente por meio do uso funcional da linguagem em situações de jogo simbólico mediado, indicando progressos no uso intencional da linguagem. Notou-se um aumento gradual da iniciativa comunicativa, da compreensão de turnos conversacionais e da habilidade em utilizar recursos verbais e não verbais para alcançar objetivos comunicativos.

Com o fortalecimento do vínculo terapêutico e a progressiva adaptação ao setting clínico, foram observadas mudanças positivas no comportamento comunicativo e na participação nas atividades. Teodoro passou a demonstrar maior tempo de permanência em atividades dirigidas, com redução da necessidade de mediação por meio de objetos reguladores (como brinquedos específicos ou elementos sensoriais utilizados para acalmar). Observou-se também uma significativa diminuição da ecolalia, tanto imediata quanto tardia, paralelamente a uma ampliação do vocabulário funcional e uma maior clareza na expressão de desejos, emoções e necessidades cotidianas.



O progresso na qualidade da interação interpessoal, aliado à maior espontaneidade nas iniciativas comunicativas, evidenciou uma evolução importante no desenvolvimento linguístico e na autonomia comunicativa. Esses ganhos refletem não apenas o impacto positivo da intervenção fonoaudiológica sistemática, mas também a importância da criação de ambientes acessíveis, ricos em estímulos sensoriais significativos, e responsivos às necessidades comunicativas de crianças com deficiência visual congênita.

9 Considerações sobre o comportamento e o envolvimento materno

Em algumas sessões, foi notada a tendência de a mãe encerrar os atendimentos de forma abrupta ao final do horário, o que pode estar relacionado a um desconforto emocional diante do processo terapêutico ou a um receio de lidar com possíveis reações adversas da criança. Durante a devolutiva dos atendimentos, os avanços no desenvolvimento da linguagem foram compartilhados com a família, juntamente com orientações práticas para promover o progresso comunicativo e comportamental de Teodoro no contexto familiar e escolar.

Apesar das evoluções observadas, a responsável relatou que Teodoro ainda apresenta comportamentos opositores e agressivos em momentos de transição, especialmente quando solicitado a interromper atividades prazerosas ou a se preparar para a escola. Tais episódios geram frustração para ambos e demonstram a necessidade de suporte contínuo à família, com foco em orientação parental, fortalecimento das estratégias de regulação emocional e manejo comportamental.

Conclusão

O caso de Teodoro constitui um exemplo dos desafios e das potencialidades inerentes ao desenvolvimento comunicativo em crianças com deficiência visual congênita. A trajetória terapêutica acompanhada permitiu observar de maneira detalhada, como elementos fundamentais para o progresso significativo nos domínios da linguagem, comportamento e socialização, a relevância de uma escuta clínica sensível, aliada a uma mediação adequada tanto da família quanto da escola e a um trabalho multidisciplinar integrado. Destaca-se, ainda, o papel crucial do engajamento familiar, sobretudo no que se refere à compreensão, à aceitação e ao manejo da condição da criança, configurando-se como fator determinante para o sucesso das intervenções terapêuticas e para a promoção do desenvolvimento global da criança.

A análise minuciosa deste caso particular contribui para o aprofundamento do conhecimento acerca das implicações da cegueira congênita nos processos de aquisição e uso da linguagem. Além disso, reforça a necessidade premente de práticas terapêuticas que adotem



uma perspectiva biopsicossocial, considerando o sujeito em sua integralidade e respeitando as especificidades de seu desenvolvimento atípico. Esta abordagem favorece intervenções mais eficazes e adequadas às demandas singulares apresentadas por crianças com deficiência visual.

O período de intervenção proporcionou um exame criterioso das estratégias terapêuticas aplicadas, bem como das particularidades do desenvolvimento linguístico em uma criança cega congênita. Constatou-se que, embora a privação visual imponha limitações significativas na exploração do ambiente e na construção de conceitos, tais desafios não configuram barreiras intransponíveis para o desenvolvimento linguístico e comunicativo. Com o suporte apropriado, crianças com deficiência visual conseguem estabelecer interações comunicativas eficazes dentro de contextos sociais predominantemente visuais.

Referências

CONNOLLY, Andrew C., GLEITMAN, Lila R.; THOMPSON-SCHILL, Sharon L. *Effect of congenital blindness on the semantic representation of some everyday concepts*. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, [Washington, US], v. 104, n. 20, p. 8241-8246, may 2007.

GILBERT, Clare *et al.* Characteristics of infants with severe retinopathy of prematurity in countries with low, moderate, and high levels of development: implications for screening programs. *Pediatrics*, [Illinois, US], v. 115, n. 5, e518-e525, may 2005.

GORI, Monica *et al.* Impairment of auditory spatial localization in congenitally blind human subjects. *Brain*, [Oxford, Inglaterra, GB], v. 137, n. 1, p. 288–293, jan.2014. DOI: <https://doi.org/10.1093/brain/awt311>.

HOBSON, Roderick Peter; LEE, Anthony; BROWN, Rachel. *Autism and congenital blindness*. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 45–56, 1999.

KLAUS, Marshall H.; KLAUS, Phyllis H. *Seu surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MUÑOZ, Maria. *Language assessment and intervention with children who have visual impairment: a guide for speech-language pathologists*. Austin, US: Morgan Printing, 1998.

RECCHIA, Susan L. Establishing intersubjective experience: developmental challenges for young children with congenital blindness and autism and their caregivers. In: LEWIS, Vicky; COLLIS, Glyn M. (ed.). *Blindness and psychological development in young children*. Leicester, UK: British Psychological Society, 1997.



SANTA HELENA, Ana Paula; CUNHA, Maria Claudia. Perfil comunicativo de crianças pertencentes a famílias multiespécie. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 161–172, mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/50169>. Acesso em: 13 out. 2025.

SANTOS, Andréa Mazzaro Almeida da Silva. *A construção da intersubjetividade no desenvolvimento da criança cega congênita: possibilidades, impasses e alternativas ao primado da visão*. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2020.

STRERI, Arlette; GENTAZ, Edouard. *Cross-modal recognition of shape from hand to eyes in human newborns*. *Somatosensory & Motor Research*, [London], v. 20, n. 1, p. 13–18, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). 9D90 Vision impairment including blindness. In: WHO. *ICD-11: International Classification of Diseases – 11th Revision*. Geneva: WHO, 2025.

Recebido em: 15.7.2025

Revisado em: 9.10.2025

Aprovado em: 16.10.2025